

O caminho para se tornar uma noiva da Jihad

Katty Cristina Lima Sá¹

Artigo recebido em 13/01/2016 e aceito em 30/01/2016.

O Estado Islâmico, grupo extremista que se autoproclamou um Estado independente na região entre a Síria e o Iraque em junho de 2015, chama a atenção da mídia tanto por suas ações de extrema violência, como pela capacidade de atrair adeptos de várias nacionalidades e de ambos sexos. Segundo a *Quilliam Foundation*, organização que atua contra o radicalismo islâmico no Reino Unido, nos primeiros meses de 2015 aproximadamente seiscentas garotas britânicas foram para Síria com intuito de casar-se com membros do EI^{II}, como foi o caso das londrinas Shamima Begum, Amira Abase e Kadiza Sultana^{III}. Frente a esses fatos, nos questionamos como tantas moças abdicaram de suas vidas para estar em um ambiente de guerra e repressão feminina.

Para responder esse questionamento, Anna Erelle – pseudônimo de jornalista francesa, que por razões de segurança precisa omitir a identidade – transformou-se em Mélodie Min, uma jovem francesa recém convertida ao Islã. Através dessa personagem, ela entrou em contato com Abu Bilel al-Firansi, um dos principais nomes do Estado Islâmico e teve a chance de observar de perto como uma menina qualquer se torna uma “noiva da jihad”, nome dado as garotas que se unem ao Estado Islâmico.

O resultado dos trinta dias de contato diário entre Mélodie e Bilel serviram como base para o livro “Na pele de uma jihadista”, lançado no Brasil em maio de 2015 pela editora Paralela, selo da Companhia das Letras. A obra é composta por capítulos curtos relatando todas as fases do trabalho jornalístico de Anna Erelle, desde a escolha do tema até as influências que esta investigação trouxe para sua vida pessoal, em uma narração sob a perspectiva da autora.

A jornalista conta que já investigava o recrutamento de meninas pelo Estado Islâmico usando como fonte a entrevista com moças que tentaram fugir para Síria, e usava como complemento um perfil falso, o de Mélodie, no Facebook por onde contactava com o “submundo” da Internet sem despertar atenção. Após compartilhar um vídeo de Abu Bilel mostrando os “regalos” da vida de um jihadista com seu carro, celular e armamentos modernos, em um país onde a maior parte população não tem sequer acesso água encanada, Erelle obteve a oportunidade de conversar diretamente com o protagonista do vídeo através do chat do Facebook quando este convidou Mélodie para a conversação, e prosseguir seu trabalho investigativo observando de perto todo processo de recrutamento.

O CAMINHO PARA SE TORNAR UMA NOIVA DA JIHAD
KATTY CRISTINA LIMA SÁ

Assim, de modo similar ao que Fernando Pessoa criou seus heterônimos, com personalidades, trajetórias e pensamentos próprios, a autora deu vida, história e sentimentos a Mélo die após o primeiro contato com Bilel. O que até então apenas uma conta em rede social, tornou-se uma garota de classe média do subúrbio de Toulouse, solitária e proveniente de família desestruturada, que encontrou no Islã um conforto e em Bilel um companheiro. Aqui a descrição dos pensamentos e sentimentos da personagem servem para exemplificar o que outras garotas sentiram nessa situação. A jornalista também deu substância a sua criação ao vestir *hijab* – véu islâmico – que cobria seus cabelos nas conversas diárias por videoconferência com o jihadista.

A obra revela dados sobre o funcionamento e os planos futuros do EI contados com doses de romantismo por Bilel. Deste modo, as regiões controladas pelos extremistas eram apresentadas como um local seguro onde a guerra serviria como fonte de aventura e limpeza para a criação de um mundo perfeito. Neste, Mélo die viveria com os mesmos confortos da Europa e praticaria seu credo livremente, em um ambiente “livre do pecado”, segundo o locutor esse aspecto era o oposto da França, onde os muçulmanos são discriminados e precisam esconder seu credo. Como observou a autora tudo isso é “sua estratégia para lobotomizar sua presa” de modo que “não seria sensato começar pelo relato sanguinário”^{IV}.

Um ponto fundamental do livro é a razão pelo interesse dos membros do Estado Islâmico por mulheres ocidentais para contrair o matrimônio. Abu Bilel em suas conversas com Mélo die e outros jihadistas entrevistados por Erelle afirmam que a mulher islâmica ocidental é mais fiel aos preceitos fundamentalistas empregados pelo EI, ao mesmo tempo que é mais aberta ao erotismo. Embora devam usar a burca e luvas ao saírem de casa, as esposas dos guerrilheiros do Estado Islâmico podem usar sua “criatividade” para agradar ao marido com lingerie de boa qualidade, afirmou Bilel a Mélo die.

Entre as táticas de sedução, a mais evidenciada no livro é a presença constante do recrutador na vida do seu alvo com demonstrações de paixão e interesse pelos detalhes mais banais do cotidiano de Mélo die. Tal ação foi descrita no Guia de Recrutamento escrito por membros da Al-Qaeda^V, adotado também pelo Estado Islâmico: “mantenha-se perto de sua vítima, escute seus lamentos e sobre seu dia”. Segundo a autora, esse comportamento fez Mélo die, aqui encarnando todas as meninas seduzidas, sentir que era amada e importante para alguém, ao mesmo tempo que tornou a vida de criadora cada vez mais misturada a de seu heterônimo.

Por fim, o leitor teme mais a cada capítulo pela vida da jornalista que se envolveu profundamente com seu trabalho, ao ponto colocar seu disfarce e sua vida em risco para levar Mélo die até a fronteira síria e a partir disso mapear todo processo de preparação, o percurso e os contatos necessários para que as jovens europeias cheguem até o território do Estado Islâmico.

Essa viagem foi o final da investigação e forneceu a descrição completa do processo de sedução de garotas para se unirem ao Estado Islâmico. O resultado foi mais do que um puramente texto jornalístico e descritivo, mas um livro que em alguns momentos remete o leitor a um romance policial. Sua leitura é agradável, com narrativa de fácil entendimento e bem detalhada, fornecendo sempre a explicação sobre o tema

O CAMINHO PARA SE TORNAR UMA NOIVA DA JIHAD
KATTY CRISTINA LIMA SÁ

que se propõe a trabalhar, por isso é aconselhada para todos que desejam se inteirar sobre o assunto.

A importância da mulher vinda de países ocidentais é tão grande para o Estado Islâmico que este publicou em fevereiro de 2015 a cartilha *Women in the Islamic State – a manifesto on women by the Al-Khanssaa Brigade* para as mulheres que desejam residir em seus domínios, traduzida para o inglês pela *Quilliam Foundation*. Para impedir que mais garotas abandonem suas vidas e seus sonhos para alimentar a guerra e o extremismo é necessário saber e entender como e o que as levam a tomar esta atitude. Isto foi o que Anna Erelle e Mélodie fizeram ao expor tão detalhadamente o processo de recrutamento e os sentimentos que tomam a mente de uma noiva da jihad.

Notas:

^I Graduanda em História pela Universidade Federal de Sergipe. Bolsista PIBITI/UFS. Integrante do Grupo de Estudos do Tempo Presente (GET/DHI/UFS). E-mail: katty@getempo.org. Orientador: Dilton Cândido Santos Maynard.

^{II} GUILBERT, Kieran. Islamic State uses social media to groom British Muslim girls: think tank. **Reuters**, 23 de fevereiro de 2015. Disponível em: <http://www.reuters.com/article/us-britain-islamicstate-girls-idUSKBNOLR1T720150223>. Acesso em 14 de fevereiro de 2016.

^{III} DODD, Vikran; KHOMANI, Nadia. Two Bethnal Green schoolgirls 'now married to Isis men' in Syria. **The Guardian**, Londres: 4 de Julho de 2015. Disponível em: <http://www.theguardian.com/world/2015/jul/04/two-bethnal-green-schoolgirls-now-married-isis-men-syria>. Acesso em 14 de fevereiro de 2016.

^{IV} ERELLE, Anna. Na pele de uma jihadista: A história real de uma jornalista recrutada pelo Estado Islâmico. São Paulo: Paralela, 2015. P. 47

^V AL QA'IDY, Abu Amru. **A Course in the Art of Recruiting: A graded, practical program for recruiting via individual da'wa.**

Obra resenhada

ERELLE, Anna. **Na pele de uma jihadista: A história real de uma jornalista recrutada pelo Estado Islâmico.** São Paulo: Paralela, 2015.